



Velhice: tempo de simplicidade e maior espiritualidade

P. 2 e 3

O despertar da humanidade	P. 4
Morte e Espiritismo em tempos de coronavírus	P. 6
Espírito, perispírito e alma	P. 8
O final de um plantão e a retomada de uma vida	P. 15

AME-Brasil: 25 anos conectando Medicina e Espiritismo P.4

ATUALIDADE



Esther rocha
é jornalista, ceo do site OFuxico

Amar é cuidar e beber na fonte

“
Para o ignorante, a
velhice é o inverno;
para o instruído, é a
estação da colheita

(Provérbio judaico)

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), entre 2015 e 2050, a proporção da população mundial com mais de 60 anos quase dobrará, de 12% para 22%. A mesma instituição informa que, em 2020, o número de pessoas com 60 anos ou mais será superior ao de crianças com menos de cinco anos. Esse processo de envelhecimento da população do planeta Terra está em curso e é certo que a humanidade do futuro será formada por uma população mais idosa. Seremos um planeta com mais idosos do que crianças.

“
Lutemos por um mundo
novo... Um mundo bom
que a todos assegure o
ensejo de trabalho, que
dê futuro à mocidade e
segurança à velhice



(Charles
Chaplin,
O grande
ditador)

Desde fevereiro, o Brasil entrou para a lista dos países afetados pela Covid-19 e, infelizmente, chegou a junho como o novo epicentro da pandemia, com estimativa de atingirmos 88,3 mil mortes até 4 de agosto, segundo dados da Organização Pan-Americana de Saúde (Opas), braço da OMS nas Américas. A crise mundial desencadeada por esse vírus minúsculo, poderoso e desconhecido trouxe novamente à tona a conscientização da importância de cuidarmos e protegermos nossos idosos, não somente neste

“
A velhice é ainda, e
apesar de tudo, uma
das belezas da vida, e,
certamente, uma de suas
harmonias mais elevadas



(Léon Denis,
O grande
enigma)

momento dramático.

O assunto merece ampla reflexão em todas as esferas da sociedade, começando pelos dirigentes do nosso país, que precisam ter maturidade e competência para governar em prol de uma população bem mais idosa, proporcionando a eles uma política de saúde pública e aposentadoria eficientes. No entanto, nossa conversa aqui é outra. Vamos refletir sobre o papel de cada um de nós: filhos, sobrinhos, maridos ou mulheres, irmãos e amigos diante do envelhecimento de uma pessoa amada.

Nas primeiras páginas de *O grande enigma*, Léon Denis (2014) nos conta que a ideia do livro surgiu “em uma tarde de inverno, uma tarde de passeio na costa azulada da Provence. [...] Pensava na indiferença dos humanos que se embriagam de prazer para melhor esquecer o objetivo da vida, seus imperiosos deveres, suas pesadas responsabilidades. [...] E a voz me disse: ‘Publica um livro que nós te inspiraremos, um pequeno livro que resuma tudo o que a alma humana deva conhecer para se orientar no seu caminho; publica um livro que demonstre a todos que a vida não é uma coisa vã, de que se possa usar com leviandade, mas uma luta para conquista do céu, uma obra elevada e grave de edificação, de aperfeiçoamento, uma obra que leis augustas e equitativas regem, acima das quais plana a eterna Justiça, temperada pelo Amor”. Nas 296 páginas dessa obra, Léon Denis nos traz reflexões espirituais sobre a vida e pensamentos bem construídos com explicações de como devemos encarar e tratar a velhice quando ela se apresenta diante de nossos olhos, refletida nos corpos físicos daqueles que amamos.

“
O que a mocidade
deseja, a velhice o tem
em abundância



(Goethe)

Grandes passos após os 50 anos

Recentemente, em palestra transmitida pela Internet, a médica-veterinária Irvênia L. S. Prada apresentou estudos minuciosos sobre o papel dos idosos como suporte da harmonia familiar e social. Ela falou da importância dos idosos na transmissão de valores aos seus filhos e netos e relembrou grandes personalidades que, após os 50 anos, viveram o apogeu de suas vidas e criações.

Alan Kardec, o codificador da Doutrina Espírita, lançou sua primeira obra, *O livro dos Espíritos*, em 1857, aos 53 anos. Daí para frente, iniciou seu valioso trabalho de esclarecimento sobre a possibilidade de nos comunicarmos com os mortos.

A médica e sanitarista brasileira Zilda Arns criou, em 1983, às vésperas de completar 50 anos, a Pastoral da Criança. Vinte e um anos depois, aos 70 anos, a convite da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), fundou e assumiu o comando da Pastoral da Pessoa Idosa, que, atualmente, atende mais de 100 mil idosos em 25 estados brasileiros. Ela desencarnou em 12 de janeiro de 2010, aos 76 anos, em plena atividade, durante uma missão humanitária em Porto Príncipe. Foi vítima do violento terremoto que resultou em 200 mil mortes no Haiti.

Dedicada trabalhadora, estudiosa e divulgadora da Doutrina Espírita, aos 58 anos, Dra. Marlene Nobre criou a Associação Médico-Espírita do Brasil (AME-Brasil), hoje representada em 62 estados brasileiros e com braços no exterior, em países como Argentina, Panamá, Cuba, entre outros. Até o dia do seu retorno à pátria espiritual, aos 78 anos, Dra. Marlene trabalhou incansavelmente. Conside-

rada uma das principais líderes do Movimento Espírita no país, viajou pelo mundo promovendo os ensinamentos do Evangelho e seus preciosos estudos sobre ciência e espiritualidade.

Estes são apenas alguns exemplos que derrubam por completo qualquer “tese” empenhada em afirmar que o passar dos anos representa uma sentença de morte e invalidez. Independentemente de sua capacidade de produzir, devemos olhar nossos idosos com o foco na gratidão, reconhecendo a sabedoria que a idade lhes conferiu e, acima de tudo, o amor sincero e incondicional que eles merecem.

“
Se realmente a idade
madura é menos
primaveril que a
adolescência; se as
flores decaíram do seu
colorido e perfume, os
frutos igualando-se aos
frutos de uma árvore
começam a aparecer na
extremidade da alma,
pois é a idade madura,
por excelência, o período
da plenitude; é o rio
que corre a toda força e
espalha pela campina a
riqueza e a fecundidade



(Léon Denis,
O grande
enigma)

da sabedoria dos nossos idosos

Maturidade tratada com respeito

O cinema já nos rendeu grandes histórias, nas quais a maturidade é retratada com o devido respeito, valor e delicadeza. Ao escrever este artigo, me veio fortemente a lembrança do filme francês *Minhas tardes com Margueritte*. Com delicadeza e extrema sensibilidade, ele nos mostra um verdadeiro encontro de almas entre um homem simples e uma educadora. Germain Chazes (Gérard Depardieu) é um humilde feirante e jardineiro, um homem de capacidade limitada, que viveu uma infância difícil, sempre maltratado pela mãe e sem jamais conhecer seu pai. Margueritte (Gisèle Casadesus) é uma encantadora senhora de 85 anos que foi chefe de uma equipe médica da Organização Mundial da Saúde e agora, na velhice, passa os dias lendo no parque.

O encontro com Margueritte conduz o jardineiro a um caminho de descobertas sentimentais e intelectuais. Com imensa sabedoria e muito amor, a nova amiga lhe apresenta o universo da leitura e lhe ensina que não existem limites para quem tem sede de aprender. Ela esbanja sabedoria e cultura, ele é um grandalhão afetuoso, dono de coração tão enorme quanto seu corpo. Temos aí um terreno fértil para o nascimento de um relacionamento de profundo amor e amizade.

Minhas tardes com Margueritte é um manual de como devemos construir nosso relacionamento com os idosos de



nossas vidas. O filme mostra como o amor verdadeiro se fortalece com o passar dos anos e como ele é capaz de superar as dificuldades e os limites impostos pela idade avançada. Não podemos nos render a motivos infundados ou desculpas capazes de nos guiar ao caminho do abandono e do descaso. Se a vida um dia mudar seu curso, impondo aos nossos semelhantes uma nova realidade menos ativa e mais dependente, lembremos da questão n. 775 de *O livro dos Espíritos*: “Qual seria para a sociedade o resultado do relaxamento dos laços familiares”, perguntou Alan Kardec. “Uma recrudescência do egoísmo”, responderam os Espíritos.

Que fique claro que “laços familiares” não são apenas os laços sanguíneos. O verdadeiro sentido das palavras de Jesus, “Amai-vos uns aos outros como irmãos”, está na capacidade de praticar o amor incondicional e perceber nos mais frágeis uma abençoada oportunidade de seguirmos os ensinamentos do Mestre. A prova disso, encontramos na questão n. 685 de *O livro dos Espíritos*: “O forte deve trabalhar para o fraco. Não tendo esta família, a sociedade deve fazer as vezes desta. É a lei de caridade”.

O Espírito de Miramez esclarece essa questão de maneira primorosa ao dizer: “O homem

forte tem o dever de ajudar o fraco nas suas necessidades. Quando assim não faz, é devido à falta de caridade que, se podemos afirmar, é a falta do Cristo no coração. Devemos, assim, não somente amparar os velhos, como igualmente todos os mais fracos, desde que lhes falte a garantia de vida em harmonia. Jovem! Ajuda a velhice, pois estás no mesmo caminho. Quem sabe o amanhã colocará esses velhos de hoje como teus filhos? Pensa nisto, porque a reencarnação é uma lei universal. Ninguém morre, bem o sabes, e as vidas sucessivas constituem uma realidade em todos os quadrantes da criação”.

“
Não importa se a
estação do ano muda...
Se o século vira, se o
milênio é outro. Se a
idade aumenta...
Conserva a vontade de
viver. Não se chega à
parte alguma sem ela



(Fernando Pessoa)

A simplificação do lado material da vida

Aos idosos, protagonistas da outra metade desta nossa reflexão, cabe entender as palavras de Léon Denis ao dizer que “as transformações, ou melhor, as transfigurações operadas nas faculdades da alma pela velhice são admiráveis. Esse trabalho interior resume-se numa única palavra: *simplicidade*. A velhice é eminentemente simplificadora de todas as coisas. Primeiramente, ela simplifica o lado material da vida, suprime todas as necessidades factícias, as mil necessidades artificiais que a juventude e a idade madura criaram para nós e que fizeram de nossa existência complicada, uma verdadeira escravidão, uma servidão, uma tirania. Nós o dissemos mais acima: é um início de espiritualização”.

Que os novos tempos sejam marcados pelo entendimento de outra questão abordada por Denis em seu livro: “a velhice não é, portanto, uma decadência: ela é realmente um progresso; uma marcha adiante na direção do termo: a esse título, é uma das bênçãos do Céu”. Que os nossos idosos se conscientizem e se inspirem em sua sabedoria adquirida com o passar dos anos e que os mais jovens acertem seus compassos de vida acolhendo os mais longevos com merecidas e frequentes doses de amor. Que nossas crianças possam cada vez mais desfrutarem do colo quente e erudito de seus avós, aprendendo com eles, crescendo em contato com os alicerces firmes e inspirados daqueles que aprenderam com a vida.

Antes de terminar, recorro no-

vamente ao filme *Minhas tardes com Margueritte* para trazer o poema lido pelo jardineiro na cena final do filme: “Foi um encontro pouco corrente entre o amor e a ternura, mais nada. Tinha nome de flor e vivia entre palavras, adjetivos esmerados, verbos que cresciam como a grama, alguns ficavam. Entrou suavemente desde a carcaça até o meu coração. Nas histórias de amor, tudo é grande, às vezes não existe sequer ‘eu te amo’, mas a gente se ama. Foi um encontro pouco ordinário, a conheci por acaso no parque, não ocupava muito o tamanho de uma pomba com as suas penas, embrulhada em palavras, em nomes, como o meu. Deu-me um livro, depois outro, e as páginas se iluminaram. Não morras ainda, há tempo, espera; não é a hora pequena flor, dá-me um pouco mais de ti, dá-me um pouco mais da tua vida, espera. Nas histórias de amor, às vezes não existe sequer um ‘eu te amo’, mas a gente se ama.”

Referências

- DENIS, L. *O grande enigma*. Brasília, DF: FEB, 2014.
- KARDEC, A. *O livro dos Espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 93. ed. Edição Histórica. Brasília, DF: FEB, 2013.
- MINHAS TARDES com Margueritte. Produção de Gérard Depardieu e Louis Becker. Paris: Cohen Media Group, 2010. 82 min., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hk6on8AmwVM>>. Acesso em: 31 maio 2020.
- PRADA, I. L. S. *O papel dos idosos como suporte da harmonia familiar*. Irvênia Prada, 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iviKnYS8KGc>>. Acesso em: 31 maio 2020.

EDITORIAL

Mais um golpe para o despertar da humanidade

O impacto causado pela Covid-19 ainda é imprevisível. O que se sabe é que feridas profundas, que demandarão mudanças reais em nossas vidas, em nossa forma de viver e nos trarão uma responsabilidade muito grande diante dos nossos semelhantes, nos convidarão a olhar de forma efetiva para aqueles que sofrem e ainda sofrerão. Não temos dúvidas de que uma das heranças da maior crise de saúde dos últimos 100 anos deverá ser uma total e escancarada observação sobre a forma hedonista, materialista e individualista que levávamos nossas vidas – e por que não dizer sobre o nosso comportamento para com a sociedade. Basta lembrar o quanto nossa forma de convívio no lar foi afetada, ao sermos obrigados a mudar a rotina com nossos parentes, o

que era improvável pensar em um cotidiano que a vida fora do lar nos levava, maior que os momentos de interação doméstica.

Sem dúvida, são chegados os tempos em que as transformações que relegamos durante milênios clamam por urgência. Como um aluno que pretende passar para a série seguinte e precisa provar os seus conhecimentos em um exame de avaliação, somos convocados por nós mesmos a colocar à prova as transformações morais que se constituem como bases para o Mundo de Regeneração. E quando falamos sobre transformação moral, não há como enganar, não há como fazer de conta, não há como “colar”

(copiar) do outro para respondermos ao nosso próprio testemunho.

No fechamento desta edição, registramos com alegria, na matéria de capa, a importância de uma das mudanças comportamentais a que somos convidados a ter com nossos idosos. Por outro lado, nos entristeceu ver que no país mais rico do mundo eclodiu o grito abafado de uma sociedade que clama por igualdade racial, expondo para todos que também sofre e carrega as mesmas chagas de forma secular, entrepondo um relacionamento de fraternidade que deveria predominar nos quatro cantos do globo, por repetidas situações de discriminação, indiferença e exploração.

As manifestações em solo americano decorrentes da morte do cidadão George Floyd, que evidencia claramente uma violência com bases racistas, nos convidam a uma reflexão profunda sobre a condição de igualdade e respeito, que deverão ser o único código de convivência para o Novo Mundo. Assim, como a eclosão das manifestações em solo americano, que, com certeza, deverão se expandir e se repetir pelo mundo, veremos ainda mais e mais chagas surgirem na superfície de nossa observação para serem encaradas pelo bálsamo do amor, do respeito e da caridade, que deverão nos curar. Sigamos confiantes e atentos para os sinais de renovação que urgem em nossa sociedade. Muita paz!

“A bondade nada sabe de cores, credos ou raças. Todas as pessoas nascem iguais”

(Abraham Lincoln)

COMEMORAÇÃO

Giovana Campos

AME-Brasil: 25 anos

Fundada em 17 de junho de 1995, a Associação Médico-Espírita do Brasil (AME-Brasil) foi capitaneada por sua fundadora, a médica Marlene Rossi Severino Nobre, até o início de 2015, ano de seu desencarne. Desde então, vem sendo presidida pelo dr. Gilson Luís Roberto.

É exponencial o crescimento do movimento médico-espírita por todo o Brasil. Hoje, há 70 AMEs estabelecidas e outras oito em implementação. Essas instituições são responsáveis, em suas localidades, pela consolidação da ciência da saúde dentro da Doutrina Espírita, oferecendo uma base técnica, com profundos conhecimentos na área biológica, ratificando com precisão e pesquisas o que a Doutrina dos Espíritos vem trazendo nos últimos 163 anos.

A AME-Brasil tem se estruturado em departamentos para abranger, da melhor forma possível, os conteúdos trabalhados por ocasião dos congressos médico-espíritas e pela manutenção das atividades no decorrer do período compreendido entre os eventos da instituição. Atualmente, conta com 11 departamentos: Acadêmico, Bioética, Comunicação, Cuidados Paliativos, Editorial, Ensino, Espiritual, Família, Pesquisa, Saúde Mental e Solidariedade Humana.

Por conta da data comemorativa, conversamos com o atual presidente da entidade, o homeopata dr. Gilson Luís Roberto, sobre a realidade e o futuro da Medicina e o Espiritismo, em prol de um atendimento mais humanizado.

Folha Espírita – A AME-Brasil completa 25 anos em junho. Qual a sua visão sobre a trajetória da instituição até os dias de hoje?

Gilson Luís Roberto – Minha visão é de uma trajetória abençoada e vitoriosa, embora existam grande lutas e desafios que naturalmente aparecem num projeto dessa envergadura. O surgimento da AME-Brasil estava delineado pela espiritualidade desde a fundação da AME-São Paulo, em 1968, pelo dr. Luiz Monteiro de Barros. Porém, foram mais 27 anos para que ela se concretizasse na Terra. Nesse período, enfrentou muitas barreiras materiais e espirituais, pois os adversários do bem sabiam da sua relevância para a difusão da Doutrina Espírita e para a consolidação do

paradigma médico-espírita. Cabe ressaltar o papel fundamental da dra. Marlene Nobre como a grande responsável por materializar o ideal de Bezerra de Menezes.

Em fevereiro de 1990, a dra. Marlene Nobre assumiu a Presidência da AME-SP pela primeira vez. A instituição, depois de ter produzido inúmeros eventos e publicações de alto valor científico, passava por um momento difícil. Dos nove diretores, sobraram apenas três. A dra. Marlene Nobre procurou Chico Xavier buscando ajuda e recebeu orientação. “Chico me disse que nossa entidade tinha importante missão a desempenhar e que uma falange das sombras tinha se postado contra mim para impedir o seu prosseguimento, mas que era para eu seguir com cautela, coragem e fé. Segundo ele, o dr. Bezerra de Menezes estava atento e iria me ajudar. E, de fato, depois de um período muito difícil, a AME-São Paulo conseguiu romper as amarras e fundar a AME-Brasil”, relatou Marlene. No final de 1990, ela recebeu um recado do dr. Bezerra de Menezes dizendo “que já estava na hora de juntar os médicos espíritas brasileiros em uma só entidade, que tivesse Jesus como modelo e guia do médico perfeito”.

O período que antecedeu a orientação de Bezerra de Menezes foi muito difícil para a dra. Marlene Nobre. Em 19 de novembro de 1990, o seu marido, Freitas Nobre, desencarnou, aos 68 anos, vítima de câncer. Diante da nova realidade, Marlene levou o pensamento a Jesus e a Bezerra e, a partir daquele momento, entregou sua vida ao ideal médico-espírita. Conforme seu relato a Ismael Gobbo, “no início de dezembro, dr. Bezerra de Menezes clamou-me para a tarefa mais ampla a que Chico se referira e que só a partir de então tomei conhecimento, a de chamar os colegas para a fundação da Associação Brasileira que aglutinaria todas as AMEs. E que eu deveria me empenhar para a fundação das AMEs nos estados, porque era chegada a hora. Disse-me o nosso Patrono que a associação já estava formada no coração de Jesus e que nós precisávamos materializá-la na Terra. E assim foi feito. Iniciamos, em 1991, com vistas à concretização desse projeto, o primeiro Congresso da AME-São Paulo, no Anhembi, proclamando os colegas de todos os estados para a fundação

Folha Espírita

FUNDADORES: Freitas Nobre, Marlene Nobre e Paulo Rossi Severino (1974)
DIRETOR RESPONSÁVEL: Fábio Gandolfo Severino | **JORNALISTA RESPONSÁVEL:** Cláudia Santos MTb - 21.177 |
CRIAÇÃO - PROJETO GRÁFICO E SITE: MaçãV Comunicação www.maçav.com.br | **DIAGRAMAÇÃO:** Sidney João de Oliveira | **SITE - PROGRAMAÇÃO:** www.aboutdesign.com.br | **REVISÃO:** Gaia Revisão Textual | **ASSINATURAS:** Ana Carolina G. Severino carol@folhaespirita.com.br | **EXPEDIÇÃO:** Sílvia do Espírito Santo e Silvana De Oliveira

Folha Espírita é uma publicação de FE - Editora Jornalística Ltda. - Av. Pedro Severino Jr., 325 - São Paulo - SP - CEP 04310-060 - Telefax: (11) 5585-1977 - CNPJ: 44.065.399/0001-64 - Insc. Mun. 8.113.8970 - Insc. Est. 109.282.551-110. Periodicidade: Mensal - www.folhaespirita.com.br - e-mail: folhaespirita@folhaespirita.com.br

conectando Medicina e Espiritismo



das AMEs". Ali se iniciava uma nova fase das AMEs, com Marlene Nobre sendo a grande liderança na concretização do ideal médico-espírita, em solo brasileiro, conforme planejamento da espiritualidade.

Até 1991, quando se iniciaram os encontros nacionais bienais, somente existiam a AME-São Paulo e a Associação Mineira de Medicina e Espiritismo (AMME), fundada a 18 de abril de 1986. A partir de então, fundaram-se outras, em vários estados do Brasil, possibilitando o surgimento da entidade federal. No dia 17 de junho de 1995, durante a realização do MEDNESP-95 – 3º Congresso Nacional de Médicos Espíritas –, realizado pela Associação Médico-Espírita de São Paulo, com 11 AMEs formadas, foi fundada a AME-Brasil.

FE – Nos últimos anos, tivemos a chegada de várias novas AMEs pelo Brasil, em diferentes estados, bem como a estruturação de 11 departamentos. Com esse cenário, a AME-Brasil pode expandir suas possibilidades e atuações?

Gilson Luís Roberto – Sem dúvida, com a expansão das AMES, as possibilidades vão aumentando ao mesmo tempo em que se tornam mais complexas. Embora contemos com 78 AMEs no Brasil, ainda há bastante campo para o surgimento de novas entidades e para o crescimento das que já existem. No entanto, o maior empenho da diretoria neste momento é buscar a qualificação da estrutura que possuímos, conforme nosso planejamento estratégico. Nesse sentido, o foco de

“

A AME-Brasil tem uma atuação muito dinâmica dentro do tripé assistência, pesquisa e ensino

”

“

A nossa meta para o futuro é conquistar uma sede própria, com maior espaço para a expansão das nossas tarefas

”

atuação tem sido desenvolver cursos de capacitação em várias áreas que envolvem o paradigma médico-espírita, nas parcerias de trabalhos com o Movimento Espírita organizado, especialmente nas questões ligadas à bioética, dependência química, prevenção e posvenção ao suicídio, capelania hospitalar e no estudo da mediunidade e da obsessão. Outra atuação importante é a busca do diálogo com a medicina convencional, em especial com a Academia, na produção de pesquisa e publicação de trabalhos, na criação de disciplinas, cursos de extensão e pós-graduação em saúde e espiritualidade.

FE – Quais as metas de futuro para a AME-Brasil? Sabemos que há o MEDNESP, realizado bianualmente, e a produção literária. Temos novidades?

Gilson Luís Roberto – A AME-Brasil tem uma atuação muito dinâmica dentro do tripé assistência, pesquisa e ensino. Todos os anos, temos publicado novos livros e estamos com novas obras para serem lançadas, com temas como meditação, saúde e espiritualidade. Além dos inúmeros simpósios e congressos que acontecem todos os anos, estamos expandindo e qualificando a nossa área de Comunicação, para ampliarmos a divulgação das palestras e dos cursos pela Internet. A nossa meta para o futuro é conquistar uma sede própria, com maior espaço para a expansão das nossas tarefas. Em 2021, teremos o Mednesp em Vitória-ES e esperamos contar com a presença de todos vocês.

RÁDIO BOA NOVA
1450 AM (GRANDE SÃO PAULO)

youtube.com/redeboanova1
facebook.com/redeboanovaderadio

Sintonia em outras localidades, Parabólica Analógica ou Digital acesse: radioboanova.com.br

youtube.com/tvmundomaior
facebook.com/tvmundomaior

Rede Aberta, Parabólica Analógica ou Digital acesse: tvmundomaior.com.br

MUNDO MAIOR TV

Google Play | Download on the App Store

Sociedade Brasileira de Terapia de Vida Passada

Curso de formação de terapeutas para médicos e psicólogos em São Paulo-SP, Belo Horizonte-MG, Rio de Janeiro-RJ, Santos-SP, Bauru-SP, Jundiaí-SP e Vale do Paraíba-SP.

Turmas em formação ao longo de todo ano com no mínimo de 5 alunos nas cidades sede.

Inscrições e informações: sbtvp@sbtvp.com.br
www.sbtvp.com.br



Marjorie Aun
arquiteta, ilustradora e membro
do Grupo Espírita Cairbar Schutel

Morte e Espiritismo em te

Estamos vivendo um momento em que muitos de nós têm visto pessoas próximas partirem de maneira repentina, em função da pandemia do coronavírus. E quando isso acontece, não há chance sequer de uma despedida, o que intensifica ainda mais a dor do luto no seio familiar.

Morte é um tema envolto em mistério, medo e ansiedade para boa parte dos encarnados. Mas o que é morrer, de fato? Existe um processo específico

no momento da morte pelo qual todos os Espíritos irão passar, invariavelmente? O que sentimos no momento que percebemos que a nossa própria morte se aproxima? E como ficamos exatamente depois, recobramos a consciência e compreendemos o que aconteceu conosco? Se somos os parentes de alguém que acabou de desencarnar, existe algo que possa ser feito para auxiliar aquele Espírito a ter uma transição tranquila para o plano

espiritual? Ou há algo que não devemos fazer de forma alguma, para não o atrapalhar?

São muitas as questões. Nós, que estudamos a Doutrina Espírita, sabemos que morremos muitas e muitas vezes, nas nossas várias encarnações até aqui. No entanto, não guardamos lembranças dos acontecimentos que ficaram para trás. Só podemos ter a certeza de que o nosso estudo e empenho sincero em iluminar o nosso Espírito

com as palavras do Cristo, ao longo da vida, poderão nos garantir uma morte mais serena.

“A causa principal da maior ou menor facilidade de desprendimento é o estado moral da alma”, diz Allan Kardec no livro *O Céu e o Inferno*, no capítulo 1 da segunda parte, ao explicar, justamente, as dificuldades que o Espírito pode enfrentar, ou não, no momento exato do seu desencarne. Com isso, ele quer nos dizer que, quanto mais

apegados à vaidade e aos interesses materiais durante a vida, mais difícil e demorado será o nosso desligamento do corpo físico no momento da morte, podendo durar horas, dias e até meses, segundo nos explicam os Espíritos Benfeitores. Porém, quanto mais simples e puros de coração nós formos, quanto mais dedicados ao crescimento espiritual durante a nossa vida, mais tranquila e rápida se dará a nossa morte.

Nossa vida no Além e as fases do morrer

Marlene Nobre, no livro *Nossa vida no Além* (FE Editora, 2010), fez um estudo completo sobre o tema, reunindo informações trazidas pelos livros e pelas mensagens psicografadas do médium Chico Xavier. Ela utilizou ainda um vasto material vindo da Medicina atual, fora do movimento médico-espírita, tais como pesquisas sobre Experiências de Quase Morte (EQM), sobre doentes terminais, comprovações sobre reencarnação e outros temas relacionados. O resultado é uma obra repleta de informações importantíssimas para qualquer pessoa que, entendendo melhor a morte e o seu significado, queira conquistar no agora uma vida mais produtiva espiritualmente.

Dentre as fontes não espíritas citadas no livro de Marlene, destaca-se a psiquiatra suíça, naturalizada americana, dra. Elisabeth Kübler-Ross, que faleceu em 2004, aos 78 anos, conhecida por seu olhar amoroso e compassivo diante dos pacientes terminais. Pioneira em estu-

dos sobre a morte, Elizabeth foi uma autoridade no assunto. Ela estudou a fundo a questão, tendo estado ao lado de centenas de pacientes no exato momento do seu desencarne, acompanhando-os de perto, e trouxe luz a esse tema que angustia pessoas ao redor do mundo. Com toda a sua experiência, tratando por tantos anos de pacientes à beira da morte, ela disse certa vez: “Destino tem muito a ver com fé; ambos supõem uma crença fervorosa na vontade de Deus.”

Em seu livro *Sobre a morte e o morrer*, de 1969, ela elaborou um estudo que define as cinco fases do morrer. Seu método de pesquisa era baseado em entrevistas com os próprios pacientes em estado terminal e com suas famílias, sempre respeitando os limites emocionais dos envolvidos.

Os cinco estágios, segundo Elizabeth, não ocorreriam necessariamente em uma ordem específica. Os pacientes terminais passariam por essas diferentes etapas ou não, de acordo com as suas condições psíquicas e espí-

rituais, até que, enfim, alcançassem o estágio final da aceitação. Observando os pacientes, ela destacou o quanto a fé religiosa e, principalmente, a crença na reencarnação faziam total diferença na hora derradeira. Os cinco estágios delineados por ela são:

■ A **negação**: diante do choque, ao receber a notícia de que está prestes a morrer e de que sua doença não tem cura, o paciente frequentemente demonstra resistência em aceitar o fato. A negação pode durar ou não muito tempo, dependendo dos valores e das crenças de cada um.

■ A **raiva** é um possível segundo estágio, quando o paciente reconhece que não pode mais negar o fim próximo. Assim, ele poderá expressar sentimentos de revolta, inconformismo e ressentimento e se perguntar: “Por que eu?”. Igualmente, dependerá da sua evolução moral se irá nutrir tais sentimentos e por quanto tempo.

■ Na etapa da **barganha**, o paciente terminal, segundo os estudos de Elizabeth, começa a

ter esperança de receber uma cura divina, em troca dos méritos que acredita possuir. Ele pode planejar projetos para o futuro e prometer concretizá-los após se curar. Em outras palavras, busca encontrar uma razão para continuar vivo.

■ A **depressão** é o quarto estágio. Tristeza, solidão e vontade de chorar. Poderá funcionar para o paciente terminal e seus familiares como uma preparação para a separação que chegará em breve, inevitavelmente.

■ Superando todas essas angústias, que poderão ser mais brandas caso a pessoa tenha um preparo espiritual e a certeza na vida futura, chegamos ao último estágio: a **aceitação**. A tendência é que o paciente terminal, nessa etapa, aceite sua condição e contemple seu fim próximo com mais tranquilidade e menos expectativas.

Sem dúvida, todos esses estágios que a dra. Elizabeth observou em seus pacientes podem ser superados de maneira mais consciente quando

o indivíduo possui a fé em Deus e a crença na reencarnação. Ela própria destacou esse fato em seus estudos e pesquisas de casos reais, e Marlene Nobre os apresentou no capítulo 3 do seu livro *Nossa vida no Além*.

As dores do luto em série

Em 2019, a Netflix apresentou a 1ª temporada da série *After Life (Depois da vida)*, escrita e dirigida pelo inglês Ricky Gervais, que também atua no papel principal. A segunda temporada foi lançada recentemente, no início de 2020. Trata-se de uma história muito tocante que mostra, sem disfarces ou dissimulações, as dores do luto.

Ricky faz o papel de Tony, um viúvo solitário e sem filhos que perde a esposa que amava muito. Inicialmente, ele irá reagir com raiva e apresentar tendências suicidas, tentando se distanciar de quem tenta ajudá-lo. Ele se mostra intolerante com todos à sua volta, buscando voluntariamente a solidão e o isolamento. Mas, gradualmente,

Tempos de coronavírus



“

Temos falado frequentemente sobre morte neste momento, em função dos desafios da pandemia. No entanto, não podemos deixar de reconhecer que, desde sempre, deveríamos ter dado a devida atenção a esse assunto

”

após as reflexões que ele próprio desenvolve, ao assistir os vídeos tocantes que a falecida esposa havia deixado para ele, tudo começa a se transformar. Nos vídeos, consciente de que iria morrer em breve, ela pede para que o marido continue por toda a vida a ser uma pessoa alegre, gentil e que ajude sempre a todos.

Tony começa assim a mudar gradualmente as suas atitudes, a interagir com amigos e colegas de maneira mais leve e a ajudar as pessoas, com interesse real em fazer o bem. Ele ressurgiu como um homem mais feliz

e tranquilo, finalmente reorganizando sua vida pessoal. *After Life* não é uma série espírita, mas, ainda assim, expõe a sua tese sobre morte e luto de forma sensível e muito verdadeira.

Quando somos nós que perdemos um ente querido, como o Tony da série, precisamos elaborar o luto, que é um processo que se inicia com alguma perda. Ele termina quando podemos considerar que superamos a dor, mesmo que não totalmente, mas o suficiente para interagirmos com o mundo externo de maneira feliz e autêntica. É uma experiência emocional profun-

da e legítima, que se define pela capacidade de cada um em lidar com essas perdas, e para a qual a nossa fé em Deus é o pilar central. Sem a fé, a cura tarda mais a chegar e deixa mais feridas. A morte de alguém que amamos pode ser o início de uma nova vida, com mais consciência, com uma busca muito mais profunda por nossa espiritualização.

Temos falado frequentemente sobre morte neste momento, em função dos desafios da pandemia. No entanto, não podemos deixar de reconhecer que, desde sempre, deveríamos ter dado a devida atenção a

esse assunto. Ao nos debruçarmos sobre a morte de forma aberta e verdadeira, poderemos reavaliar nossos valores e atitudes ainda em vida, e isso nos será extremamente valioso. Afinal, compreendendo-a sem mitificações ou medos, bem como estudando a nós mesmos em busca da nossa evolução moral, certos de que somos seres em constante aprimoramento, poderemos ampliar ainda mais o aproveitamento da presente encarnação e, ao final, realizar uma transição mais tranquila para o plano espiritual, quando o nosso tempo chegar ao fim.

HERNANI GUIMARÃES ANDRADE



Ney Prieto Peres

é engenheiro, pós-graduado em Administração de Empresas e Engenharia de Segurança do Trabalho. Autor do livro *Manual prático do espírita* (Editora Pensamento), é o segundo vice-presidente, diretor de Departamento e Conselheiro da Federação Espírita do Estado de São Paulo (FEESP). Cofundador do IBPP e da Aliança Espírita Evangélica

Espírito, perispírito e

“Para definirmos, de alguma sorte, o corpo espiritual, é preciso considerar, antes de tudo, que ele não é reflexo do corpo físico, porque, na realidade, é o corpo físico que o reflete, tanto quanto ele próprio, o corpo espiritual, retrata em si o corpo mental que lhe preside a formação” (Luiz, 1958, “Corpo Espiritual”).

Com essa introdução de André Luiz, seguimos o estudo da obra *Espírito, perispírito e alma: ensaio sobre o Modelo Organizador Biológico*, de Hernani Guimarães Andrade. Trazemos à análise os trabalhos do dr. Harold Saxton Burr e seus colaboradores, durante 40 anos, na Universidade de Yale, onde foi professor emérito de Anatomia da Escola de Medicina.

O seu livro *Blueprint for Immortality – The Electric Patterns of Life (Modelos para a imortalidade – os padrões elétricos da vida)* (Burr, 1972) trata da sua hipótese de que o homem e todas as formas são organizadas e controladas por campos eletrodinâmicos que podem ser medidos e mapeados com precisão, aos quais denominou de “campos da vida” (*L-F ields*), ou “campos vitais” (*Life F ields*). Por exemplo, uma formação maligna no ovário tem sido detectada pelas medições do campo vital (*L-F ield*) antes de que qualquer sinal clínico pudesse ser observado. Tais medições ajudariam os médicos a descobrirem o câncer prematuramente, com melhor chance de tratamento bem-sucedido.

Os campos vitais são detectados e examinados medindo-se a diferença de voltagem entre dois pontos na, ou próximo à, superfície da forma viva. No homem e

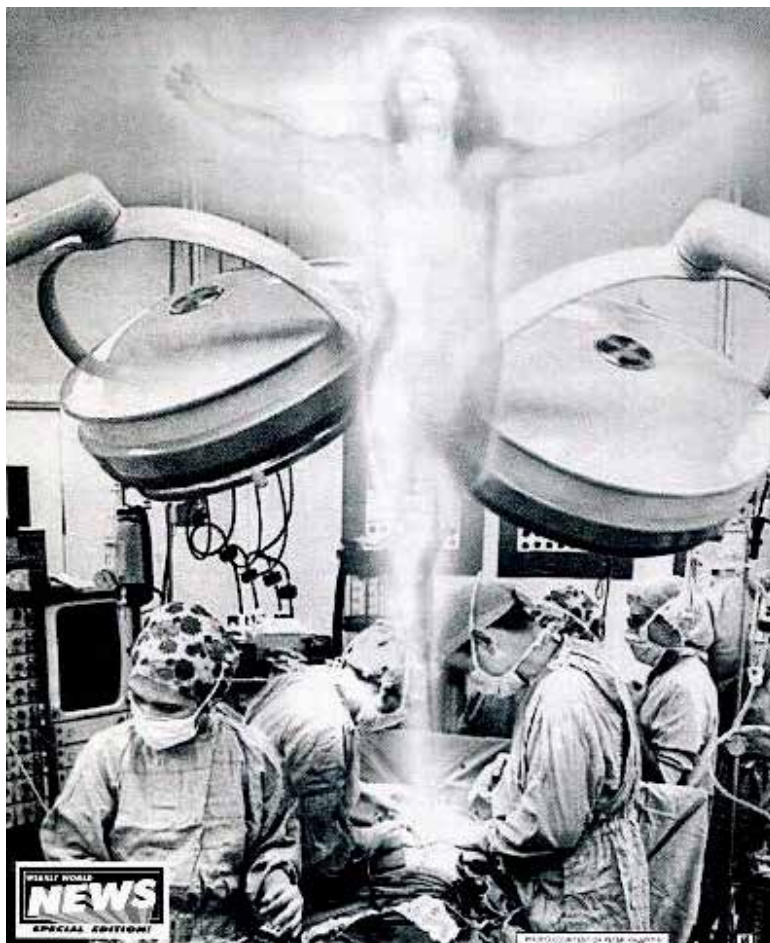
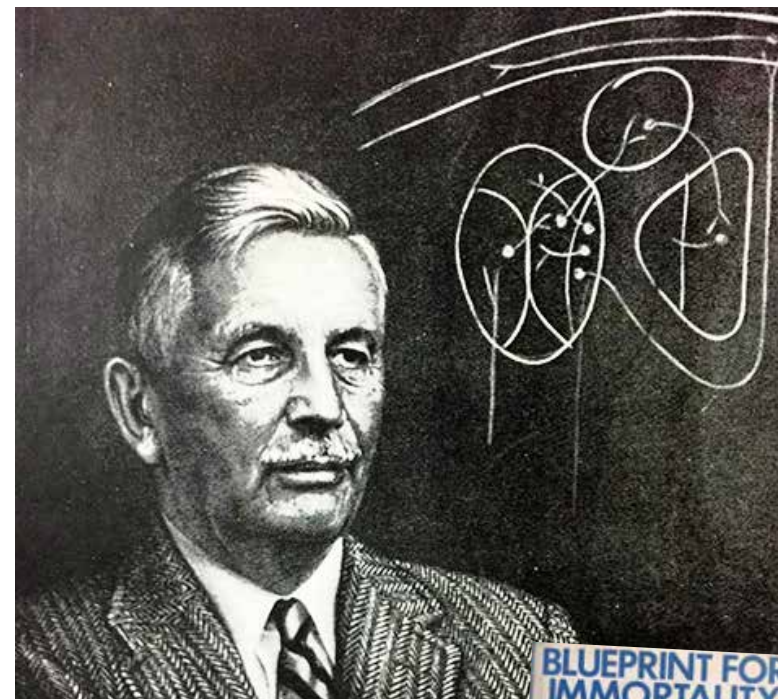


Foto publicada no jornal Weekly World News, de Frankfurt, Alemanha, foi feita segundos antes da morte da paciente Karen Fischer, que passava por cirurgia cardíaca. Peter Valentin, diretor do hospital, fotografava rotineiramente a sala de cirurgia e a imagem foi vista apenas depois, quando da sua revelação

na mulher, as voltagens do campo vital podem ser medidas colocando um eletrodo na frente e outro no tórax, ou na mão. Em casos especiais, as leituras da voltagem podem ser tomadas aplicando os eletrodos a algum órgão específico, ou parte do corpo. Essas medições nada têm a ver com as correntes alternadas usadas nos eletrocardiogramas e eletroencefalogramas. A invenção dos voltímetros de tubo a vácuo de baixas voltagens, até que fossem aperfeiçoados, permitiu a sua utilização na medição dos campos vitais.

É impressionante que essa hipótese da Teoria Eletrodinâmica da Vida, desenvolvida com a colaboração do dr. F.S.C. Northrop, de Yale, foi publicada com o dr. Harold Saxton Burr, por antecipação, em 1935. O dr. Burr concluiu que um padrão de organização é uma importante característica dos sistemas biológicos, dos sistemas físicos, ou do Universo.

Podemos imaginar a importância da utilização desse sistema de controle, pelo exame dos campos vitais, como meio preventivo de diagnóstico, orientando os tra-



▲ **Harold Saxton Burr, professor de Anatomia, e sua obra**



◀ **Voltímetro usado para registro dos campos vitais (Life fields)**



tamentos com antecipação, sem mesmo terem ainda se manifestado no organismo os seus sintomas ou distúrbios. Ao identificar prematuramente a existência dos efeitos psicossomáticos, na etiologia de muitas enfermidades, se poderia formular procedimentos psicoterapêuticos, objetivando a superação dos traumas que deixaram marcadas emoções não resolvidas, até inconscientes, desta ou de vidas passadas.

Um escaneamento dos campos vitais certamente poderia ajudar, orientando condutas preven-

tivas, no campo das psicoterapias, podendo reverter enfermidades ainda não instaladas no organismo, confirmando o princípio de que o “perispírito” é sensível aos nossos pensamentos e às nossas emoções. Os novos paradigmas médico-espíritas poderão abrir horizontes, descortinando procedimentos, como o do registro dos “campos vitais”, seus diagnósticos e tratamentos.

Dos anos 1940 aos nossos dias, transcorridos 80 anos, já se poderia ter avançado ao menos alguns passos nessa direção.

alma

O pressuposto da existência do Espírito

Nosso mestre Andrade, em sua tomada de posição, no final do Capítulo I, “Corpo bioplásmico e perispírito”, comenta: “Abstivemo-nos de trazer à tona o velho e debatido tema da existência e sobrevivência do Espírito após a morte do corpo físico”. E segue mais adiante: “Resolvemos deixar para trás as disputas e encarar o problema de outra maneira: partir da aceitação, pura e simples, da existência do Espírito, prosseguindo nas especulações sugeridas por este postulado *a priori*”.

Como, de forma concreta, localizamos em nós o Espírito, o nosso Espírito, e suas manifestações sem que sejam necessárias provas? Parece não termos procurado atingir a sede da nossa alma, onde ela se localiza no nosso corpo. Intuitivamente, diremos que o cérebro deve se relacionar mais diretamente com a nossa atividade mental, como atribuição do Espírito. A expressão “penso, logo existo”, do filósofo e matemático francês René Descartes, nos ensi-

nou a encontrar o nosso lugar. Se penso e sinto, recorro, memorizo e raciocino, assim posso escolher opções, tendo o destino, até certo ponto, ao meu arbítrio.

As experiências de desdobramentos fora do corpo (*out-of-body experiences*) e de quase morte (EQM) são marcantes e de grande impacto a quem passa por elas. São as viagens do Espírito livre. Os que realizam práticas de relaxamento e de meditações profundas conseguem, conscientemente, chegar a estados íntimos de emoções suaves e níveis de plenitude, que lhes bastam para perceber as manifestações não sensoriais do Espírito, não deixando dúvidas, nem exigências, ao entendimento de que o Espírito ali estava presente como veículo de manifestação e registro.

O que desejamos saber, como tentaram responder tanto o mestre Allan Kardec como André Luiz (Espírito) e Hernani Guimarães Andrade, é a substância de que

são feitos os Espíritos.

A Kardec, os instrutores espirituais explicaram serem os Espíritos incorpóreos, porém de matéria tão sutil e eterizada que nos escapa aos sentidos.

André Luiz (Espírito) nos explica sobre os fluidos (ou emanções) que integram o ambiente de manifestação, todos eles de origem mental e entretrecidos (entrelaçados) na essência da matéria-prima, ou hausto corpuscular de Deus, de que se compõe a base do Universo Infinito. O autor espiritual dá maior precisão: “Esse fluido, ou matéria mental, tem a sua ponderabilidade e as suas propriedades quimioeletromagnéticas específicas [...]”. A “matéria mental” participa da “estrutura mental das células”.

Hernani dá à “matéria mental” a designação de “matéria Psi”, entendida por ele como “Espírito”; e à constituição do “Espírito”, como de “psiátomos”, de três diferentes corpúsculos:

- O bion: corpúsculo da vida.
- O percepton: da percepção memória.
- O intelecton: da inteligência, ou da consciência.

Segundo Hernani, “[...] à semelhança do átomo da matéria, o psiátomo deve ser encarado como uma estrutura energética, porém com quatro dimensões”. O Espírito, nesse caso, melhor seria qualificado pela expressão “arquetipo tetradimensional histórico e auto-organizado”, conforme iremos justificar imediatamente:

“**Arquetipo** – significado de forma primeira, ou modelo inicial. Como possuindo o Espírito um domínio informacional, ou Modelo Organizador Biológico – MOB, atuando desde a epigênese embrionária.

Tetradimensional – como possuindo quatro dimensões, uma além das nossas três, de onde interfere e transmite seus impulsos.

Histórico e auto-organizado – contém o arquivo completo de toda

sua evolução histórica, sendo capaz de autoevoluir organizadamente por seus próprios modelos”.


Concluimos, considerando resumidamente, que o Espírito, ou Corpo Mental, Arquetipo Tetradimensional Histórico, é o que somos em essência, iniciando a evolução como princípio inteligente nos primórdios da Criação. A nossa destinação evolutiva é infinita e dependente do esforço da vontade. Alma é a condição do Espírito quando encarnado, revestindo temporariamente um corpo orgânico. Perispírito ou corpo espiritual é o intermediário, de substância semimaterial, que serve de envoltório ao Espírito e une a Alma ao corpo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, H. G. *Espírito, perispírito e alma*: ensaio sobre o Modelo Organizador Biológico. São Paulo: Pensamento, 1984.

BURR, H. S. *Blueprint of Immortality – The Electric Patterns of Life*. London: Neville Spearman, 1972.

LUIZ, A. *Evolução em dois mundos*. Rio de Janeiro: FEB, 1958.



LANÇAMENTO


ASSISTÊNCIA ESPIRITUAL E MEDIUNIDADE
Perguntas e Respostas

16x23cm | 224 páginas

ASSISTÊNCIA ESPIRITUAL E MEDIUNIDADE

O presente trabalho foi elaborado tendo como foco principal as atividades adotadas pelos centros espíritas que adotam os programas da Aliança Espírita Evangélica.

Tel.: 2105-2600 | www.editoraalianca.com.br
distribuidora@editoraalianca.com.br



Aliança



Sandra Marinho

é palestrante do Grupo Espírita Cairbar Schutel e apresentadora do programa Portal de Luz

Avareza ou loucura?

Procuro ser franca quando escrevo para a nossa coluna, cujo propósito é trazer à baila assuntos que precisamos enfrentar seriamente se quisermos, de fato, nos tornar um ser humano melhor. Assim, gostaria de refletir com vocês sobre a caridade. Que, *stricto sensu*, é a prática de repartimos com quem precisa o que temos, materialmente falando.

A máxima apresentada em *O Evangelho segundo o Espiritismo* de que “fora da caridade não há salvação” inspira as casas espíritas a incentivar os seus frequentadores a praticar a caridade. É comum, portanto, que essas instituições sejam responsáveis por diversas atividades na área de assistência e de desenvolvimento social, voltadas à população menos favorecida. E isso tem uma razão de ser, uma vez que, quando nos propomos a ser caridosos, somos levados a internalizar sentimentos como empatia, que é se colocar no lugar do outro, de piedade e benevolência. Em suma, por que não dizer de amor pelo nosso semelhante.

Parece simples, mas nem sempre é fácil achar que estamos em condições de ajudar alguém. Afinal, sobrando, sobrando, creio que a maioria de nós não tem.

O Espírito Neio Lúcio, no livro *Alvorada cristã*, psicografado por Chico Xavier, conta a seguinte historinha, intitulada “O ricoço distraído”:

“Existiu, certa vez, um homem muito devoto que chegou ao Céu e perguntou ao anjo que o recebeu:

– Mensageiro divino, que devo fazer para vir morar em definitivo ao lado de Jesus?



O anjo respondeu: – Faze o bem e volta mais tarde.

– Mas... – Retrucou o homem.

– Posso te pedir os recursos necessários para tal missão?

– Pedes. – Respondeu o missionário.

O homem então disse: – Quero dinheiro, muito dinheiro, para socorrer o meu próximo...

O missionário estranhou e falou: – Nem sempre o ouro é auxiliar suficiente para isto.

– Penso, contudo, meu santo amigo, que sem o ouro é muito difícil praticar a caridade.

– E não tem medo das tentações do caminho? – Perguntou o anjo.

– Não, respondeu o homem.

E o anjo falou finalmente: – Terá o que pedes, mas não se esqueça de que o tesouro de cada homem permanece onde tem o coração, porque toda alma reside onde coloca o pensamento. E acrescentou: – a lei determina que seremos escravos dos excessos a que nos entregarmos.

E assim o nosso homem

prometendo exercer a caridade e servir extensamente retornou à Terra.

Os anjos da prosperidade começaram, então, a ajudá-lo. E lhe foi dado muito. No início, fatura de comida, roupas, depois, propriedade, terras, fazendas, rebanhos.

E o homem nunca achava que estava em condições de doar seja um prato de comida. Não cedia nada a ninguém e sempre alegava falta de recursos para isso; declarando-se sem condições para auxiliar os necessitados, esperava sempre mais, a fim de repartir algum pão com eles.

E o nosso amigo de homem alegre e espontâneo passou a ser desconfiado, carrancudo, arredo. Sempre com receio de amigos e inimigos. Escondia grandes somas em caixas-fortes. Envelheceu e morreu. Quando acordou do outro lado da vida, já em Espírito, ficou horrorizado ao se ver dentro da caixa-forte no meio de ouro, prata e muitas, muitas cédulas e títulos bancários.

Passado algum tempo, teve fome e frio que não podiam ser aliviados nem com o dinheiro, nem com ouro e outras riquezas depositadas naquele local. Lembrou-se do anjo e rogou a sua presença.

O mensageiro divino desceu até ele e disse:

– É muito tarde para súplicas, estás sufocado pela corrente de facilidades materiais que o Senhor lhe confiou, porque a fizeste rolar somente em torno de si, sem qualquer benefício aos irmãos de luta e experiência.

O homem em desespero perguntou: – E o que eu preciso fazer para retomar a paz

e ganhar o paraíso?

O anjo pensou e respondeu:

– Espalha com proveito as moedas que juntou, desfaz-te da terra vasta, entrega à circulação todo o tesouro que Deus te confiou e depois volte a mim para retomarmos o entendimento feito há sessenta anos.

Porém, quando o homem percebeu que já não dispunha do corpo de carne para o que propunha o anjo, começou a gritar e blasfemar como se o inferno estivesse morando em sua própria consciência.”

Essa fábula me lembrou um fato recente, contado por uma profissional que trabalha no Serviço da Prefeitura de São Paulo, com pessoas moradoras de rua.

As pessoas nessas condições são atendidas e acompanhadas por equipe especializada e, quando demonstram vontade, são encaminhadas para abrigos. Faz parte do procedimento de acolhida que o atendido deixe seus pertences aos cuidados da instituição, os quais são devolvidos quando este sai.

Numa dessas vezes, um senhor, todo envolto em cobertor e que defecava na sua própria barraca, foi um desses atendidos e, ao chegar no abrigo, na entrada, quando lhe perguntaram se tinha algum pertence para guardar, para surpresa de todos, após muito resistir, ele mostrou aproximadamente R\$ 15.000,00 e algumas joias. Foi constatado que não era produto de furto, mas, sim, dele próprio, que guardava o pequeno tesouro avidamente, não utilizando um centavo sequer para a sua própria subsistência. Loucura? Sim, causada pela avareza extrema.



A máxima de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* “fora da caridade não há salvação” inspira as casas espíritas a incentivar os seus frequentadores a praticá-la



BIBLIOTECA

Clássicos infantis de Chico Xavier

A obra infantil psicografada por Chico Xavier é como joia rara para todos que se preocupam com o processo educativo da criança, conscientes das verdades trazidas pela codificação espírita quanto à importância desse período para a reeducação do Espírito reencarnado.

Durante sua trajetória mediúnic, Chico deixou para a Humanidade o mais precioso legado, que são os livros espíritas e, como parte integrante, os clássicos infantis, entre os quais destacam-se:



● *Jardim da infância* (pelo Espírito João de Deus) – FEB.



● *Evangélio em casa* (pelo Espírito Meimei) – FEB.



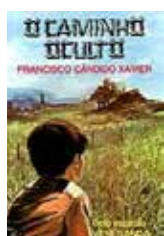
● *Natal de Sabina* (pelo Espírito Francisca Clotilde) – O Clarim



● *Tintino... O espetáculo continua* (pelo Espírito Francisca Clotilde) – IDE.



● *Crianças no além* (pelo Espírito Marcos) Ideal.



● *O caminho oculto* (pelo Espírito Veneranda) FEB.



● *Os filhos do grande rei* (pelo Espírito Veneranda) – FEB.



● *Mensagem do pequeno morto* (pelo Espírito Neio Lúcio) FEB.



● *História da Maricota* (pelo Espírito Casimiro Cunha) – FEB.



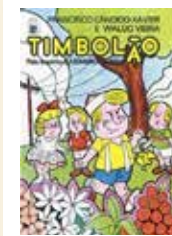
● *Pai Nosso* (pelo Espírito Meimei) Lake.



● *Juca Lambisca* (pelo Espírito Casimiro Cunha) – FEB.



● *Cartilha do bem* (pelo Espírito Meimei) FEB.



● *Timbolão* (pelo Espírito Casimiro Cunha) – FEB.

CASA DE REPOUSO ALLAN KARDEC - ITAPIRA - SP



Uma vida boa para quem já viveu muitas vidas.

Uma casa de repouso voltada para oferecer uma vida boa, com conforto, atenção e carinho, em regime de longa permanência, a quem já viveu muitas vidas.

Saiba mais: visite www.casaderepousoallankardec.com.br
Itapira - SP - Fone: 19 3863.1577



CANTINHO DO EVANGELIZADOR

Recursos lúdicos para evitar a propagação do coronavírus

Sabemos que a correta higienização das mãos é um dos meios mais eficazes e uma das poucas formas comprovadas de evitar o coronavírus. Quando falamos de crianças, que na maioria das vezes não compreendem a gravidade da situação, precisamos utilizar recursos lúdicos, ou seja, atividades de entretenimento, jogos, que dão prazer, divertem e ficam gravados na sua mente para o resto da vida e atingem o objetivo, que é evitar a propagação do vírus.

A grande maioria da população já deve ter visto o vídeo: a mãe coloca água e pimenta-do-reino em um prato, coloca o dedo da criança na mistura – a pimenta gruda do dedo –, e quando lava as mãos com detergente ou sabonete e volta a colocar a mão na mistura, toda a pimenta vai para o canto do prato. A criança se surpreende ao descobrir que, quase magicamente, o sabão afasta todas as partículas de pimenta, evidenciando que lavar as mãos é a forma mais eficiente de se livrar do novo coronavírus. Para quem ainda não viu, segue o endereço do vídeo: <https://youtu.be/6gKg-YB42xA>

“O sabão possui uma função emulsificante, que ajuda a unir água e gorduras, e também permite a remoção mecânica tanto da sujeira quanto de microrganismos. Isso quer dizer que ele é capaz de unir moléculas que normalmente não ficariam unidas, agindo como ponte

para que elas sejam carregadas pela água. Em tempos de pandemia, o objetivo é tirar o máximo desses micróbios (vírus, bactérias, fungos e protozoários, por exemplo) de circulação. É por isso que essa é uma orientação dada para quem foi ao banheiro,

vai preparar uma refeição ou tocar pessoas vulneráveis, independentemente de qualquer pandemia”, esclarece o infectologista Jamal Suleiman, do Instituto de Infectologia Emilio Ribas.

Outras atividades podem ser realizadas para o entrete-

nimento e aprendizado das crianças, como: carimbo no dorso das mãos, glitter espalhado em uma superfície. Cantoria também ajuda! Cante o máximo que puder em todas as atividades, com certeza acalmará as crianças: <https://youtu.be/1ah3ereevfU>

Como lavar as mãos corretamente

O Instituto Butantan divulgou um vídeo explicando, passo a passo, o jeito correto de lavar as mãos: <https://www.youtube.com/watch?v=m4QH059UvaU>.

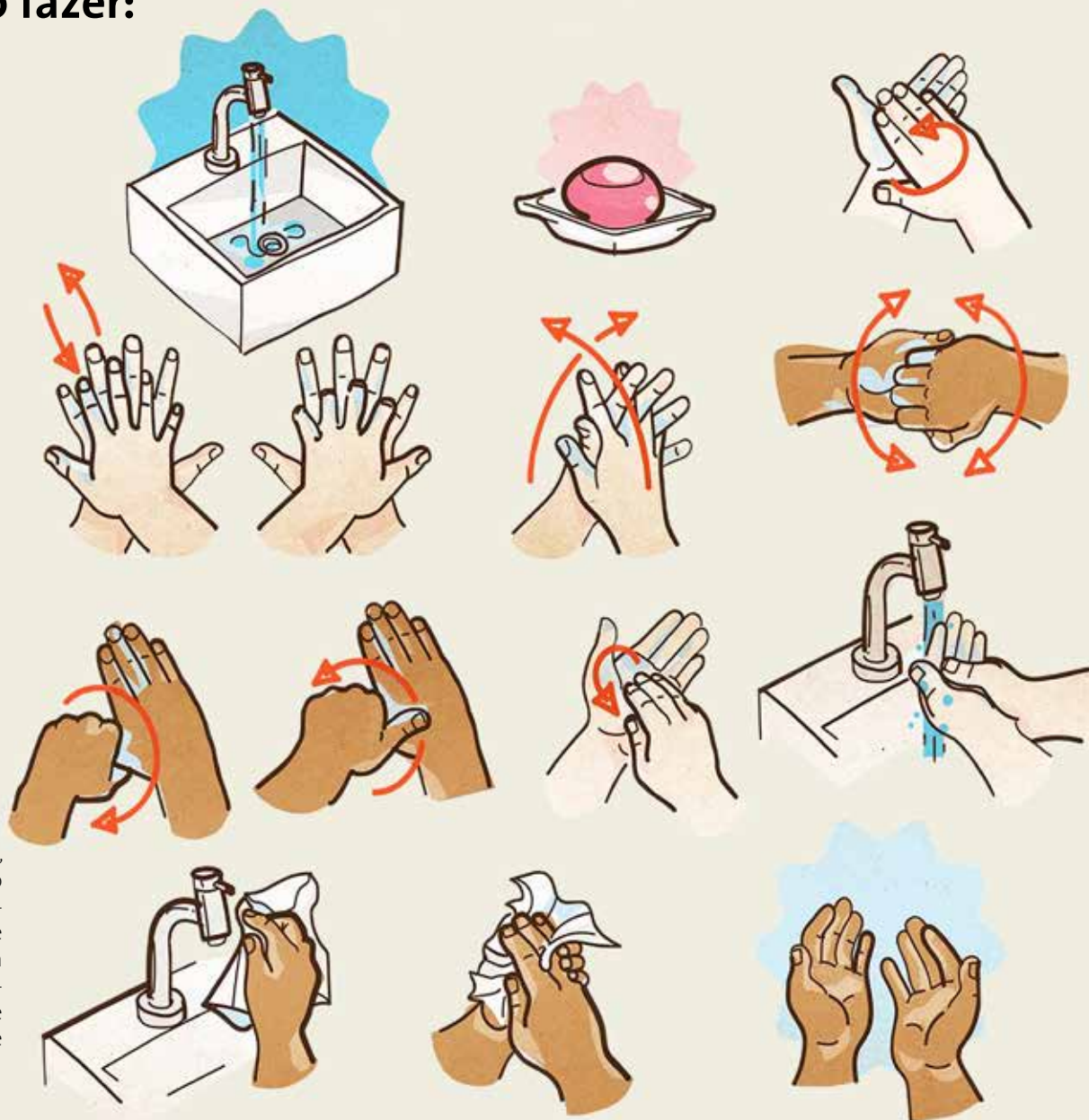
(WGJ)

Veja como fazer:

- primeiro, molhe as mãos;
- pegue sabão suficiente para lavar toda a superfície das mãos;
- comece esfregando as palmas das mãos uma na outra;
- com os dedos entrelaçados, esfregue as palmas e as costas das mãos;
- esfregue as costas dos dedos e os polegares, em movimentos circulares;
- esfregue as pontas dos dedos nas palmas das mãos;
- enxágue as mãos;
- seque com papel e use um papel para fechar a torneira, se for necessário.

Os brinquedos, demais objetos e o espaço também devem estar limpos. Use o material de limpeza adequado a cada finalidade. Sempre que puder lavar, água e sabão são eficientes.

Mãos à obra!



PAPO CABEÇA



Walther Graciano Júnior
é pedagogo

Jovens profissionais da saúde no combate à Covid-19

“Agora vamos poder retribuir o que nos foi dado na universidade. É uma oportunidade única. Quando a gente escolhe o curso, temos a intenção de ajudar as pessoas, de ter um trabalho social aliado ao profissional. Agora vamos ter essa oportunidade” (Vinícius Paganini, 27 anos, teve a colação de grau adiantada na Universidade Federal do Rio Grande do Norte para atuar contra a Covid-19).

Em 6 de abril, o Ministério da Educação publicou uma portaria autorizando a formação de alunos dos cursos de Medicina, Enfermagem, Farmácia e Fisioterapia, em caráter emergencial, enquanto durar a emergência na saúde pública no país. Para antecipar a colação de grau, os alunos precisam ter cumprido 75% da carga horária para o internato médico ou estágio supervisionado. Em todas as regiões do Brasil, 1.058 médicos, 150 enfermeiros, 23 farmacêuticos e 10 fisioterapeutas foram graduados mais cedo por isso, totalizando, até agora, 1.241 novos profissionais da saúde. Com o diploma na mão, foram para linha de frente da batalha

contra o novo coronavírus.

Com as emergências lotadas, ambulâncias chegando a todo momento e muitos pacientes com quadros graves, estar na linha de frente contra o novo coronavírus é desafiador para os médicos veteranos e mais ainda para aqueles que acabaram de sair da faculdade. O que temos observado é que a vontade de ajudar a salvar vidas supera a pouca experiência. Para entender como os recém-formados estão lidando com essa situação, seguem alguns relatos.

Israel Dutra, médico: entre os 71 médicos que colaram grau na manhã de 20 de maio em uma das salas da Escola Superior de Ciências da Saúde da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), em Manaus, está o indígena Israel Dutra, da etnia Tuyuka. Na tarde do mesmo dia, deu entrada no registro profissional na sede do Conselho Regional de Medicina do Amazonas (Cremam) e, no início da noite, seguiu para seu primeiro plantão, na Unidade de Pronto Atendimento (UPA) do Campos Sales, bairro Tarumã, na Zona Oeste de Manaus, hospital de atendimento

de urgência e emergência de média complexidade.

Dutra, 46 anos, cujo nome em Tuyuka é Pörõ, nasceu na comunidade Mercês, igarapé Cabari, Rio Tiquié, no Alto Rio Negro. Em entrevista à agência Amazônia Real horas antes de iniciar seu primeiro plantão, ele afirmou estar ciente de sua responsabilidade. “É uma mistura de apreensão por toda essa situação e, ao mesmo tempo, um sentimento de alegria. É uma situação muito complicada [a pandemia]. A gente fica preocupado com o que pode acontecer, pode infectar, mas eu estou preparado. Não posso sentir medo”.

Falante das línguas Tukanó e Tuyuka, Dutra gravou, no início de abril, vídeos com informações e orientações sobre a Covid-19 que foram distribuídos para sete Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEIs) e cinco comunidades indígenas em que o programa de telessaúde da Universidade do Estado do Amazonas está presente.

Kézia Ferreira, enfermeira: contratada no início de abril pelo Hospital Santa Luzia, no

Distrito Federal, a enfermeira Kézia Ferreira, 25 anos, formada pela UnB, trabalhava fora da área da saúde quando soube de uma vaga e se inscreveu. O recrutamento foi rápido. Em duas semanas, ela passou pelas entrevistas virtuais e presenciais e foi chamada. Kézia trabalha na UTI direcionada para pacientes com coronavírus. Os primeiros 15 dias foram de treinamento com enfermeiros mais experientes. Agora, ela atua em parceria com uma colega veterana.

“Como recém-formada, está sendo um desafio muito grande”, comenta. Sobre trabalhar cara a cara com o vírus na primeira experiência como enfermeira, a profissional diz que, por algumas vezes, chega a esquecer que está lidando com essa situação. Enquanto, em outros momentos, sente medo de se infectar. “Como penso muito no paciente, esse temor até diminui. No entanto, tomo todas as precauções. Eu não quero que ninguém fique doente por minha culpa”, conta. Para Kézia, “o mais difícil é lidar com a pressão psicológica”.

No livro *O Consolador*, de

Emmanuel, psicografado por Chico Xavier, o benfeitor esclarece:

“94. Como é considerada nos planos espirituais a medicina terrena? A medicina humana, compreendida e aplicada dentro de suas finalidades superiores, constitui uma nobre missão espiritual. O médico honesto e sincero, amigo da verdade e dedicado ao bem, é um apóstolo da Providência Divina, da qual recebe a precisa assistência e inspiração, sejam quais forem os princípios religiosos por ele esposados na vida.

95. Em face dos esforços da Medicina, como devemos considerar a saúde? Para o homem da Terra, a saúde pode significar o equilíbrio perfeito dos órgãos materiais; para o plano espiritual, todavia, a saúde é a perfeita harmonia da alma, para obtenção da qual, muitas vezes, há necessidade da contribuição preciosa das moléstias e deficiências transitórias da Terra”.

Fontes: g1.globo.com; Folha de S.Paulo; Amazoniareal.com.br; Correio Brasiliense.

Folha Espírita

ASSINE

IMPRESSA	MISTA	ON LINE
1 ANO – R\$ 55,00 <input type="checkbox"/>	1 ANO – R\$ 72,00 <input type="checkbox"/>	1 ANO – 45,00 <input type="checkbox"/>
2 ANOS – R\$ 100,00 <input type="checkbox"/>	2 ANOS – R\$ 131,00 <input type="checkbox"/>	2 ANOS – 81,00 <input type="checkbox"/>

FORMA DE PAGAMENTO: Dinheiro Cheque Cartão de crédito

CPF: _____ TELEFONE: _____

NOME: _____

ENDEREÇO: _____

CEP: _____

E-MAIL: _____

www.folhaespírita.com.br

Nos Passos do Mestre

"Em breve, lançaremos as datas de nossos novos programas..."

RW - Viagens e Turismo e Eventos
www.rwturismo.com.br
rwturismo@rwturismo.com.br
+55 11 3667-3506 ☎ +55 11 99855-5902

Foto: Consoal



W.A. Cuin

é administrador de empresas, escritor e pres. da Associação Beneficente Irmão Mariano Dias, em Votuporanga (SP)

Aprender com Jesus Cristo

“Jesus é para o homem o tipo de perfeição moral a que pode aspirar a humanidade na Terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo, e a doutrina que ele ensinou é a mais pura expressão de sua lei [...]” (Kardec, Questão n. 625, de *O livro dos Espíritos*).

A criatura humana, no contexto da sua intelectualidade e postura social, sempre estará numa posição intermediária, em algumas situações ensinando e em outras aprendendo. Assim, é imprescindível que, ao buscar conhecimentos, o faça tendo como referência modelos de dignidade, honradez e sublimidade.

Na Terra, em realidade, o modelo seguro a ser seguido é, sem dúvida, Jesus Cristo, que há mais de dois mil anos nos apresentou o Seu Evangelho recheado de notáveis e imprescindíveis lições. Viver longe das informações que Ele nos trouxe ou divergir delas será andar na contramão da lógica. Ao nascer numa modesta manjedoura, em Jerusalém, Jesus chegou à Terra portando a mensagem da humildade e da simplicidade, pois poderia, se desejasse, ter nascido na Grécia, que na época era o berço da cultura mundial. No entanto, preferiu o ambiente bucólico e pacato da Palestina, seguindo uma vida descomplicada e sem ostentações.

Suas lições foram apresentadas ao povo em ambientes livres, nas ruas, na



natureza, evidenciando a importância da essência dos ensinamentos, e não o local e a forma como eles foram informados, combatendo assim o personalismo, o elitismo e a necessidade de templos suntuosos. Esteve sempre em contato com as pessoas, no meio do povo, deixando clara a lição da iniciativa e da boa vontade, saindo em socorro dos necessitados sem esperar que eles o procurassem. Seus braços abertos

acolhiam os carentes de toda ordem, dispensando aparatos e regalias.

Quando disse que era preciso “dar a Cesar o que era de Cesar e a Deus o que era de Deus” (Mateus, 22:21), lecionou a disciplina e a obediência aos que o assediavam, evitando exaltar o povo em movimentos de rebelião e tumultos, proclamando com isso a serenidade e a paz.

No episódio da “multiplicação dos pães” (João, 6:1-14), para alimentar a população faminta que o cercava, deixou nítida a lição da responsabilidade pelo trabalho que lhe competia, não delegando a ninguém a tarefa que entendeu ser sua, pois que os discípulos sugeriram, na oportunidade, que o povo fosse dispensado para buscar alimento.

Ao dizer a Pedro que era preciso “perdoar setenta vezes sete vezes” (Mateus, 18:22), Jesus mostrou a importância e o valor da fraternidade e da tolerância, destacando um manual de boa convivência, como base para que as criaturas possam construir um am-

biente de saúde mental e física.

Quando destacou a lição “busca e acharás” (Mateus, VII: 7-11), apresentou à humanidade a lei do esforço e da perseverança, alavancas indispensáveis para a implantação do progresso e da prosperidade entre os homens. Sem a força do trabalho no mundo, o caos se instalaria.

Apresentando a necessidade do “vigiai e orai” (Mateus, 26:41), o Mestre aconselhou os homens a cuidar do pensamento, da área mental, nascedouro das ideias que, ao se concretizarem, produzirão fatos e acontecimentos que movimentarão a vida social do planeta. Dependendo do teor e do conteúdo mental que criarmos, viveremos num mundo equilibrado ou não.

Ao comentar que “quando dás esmola não saiba a esquerda o que faz a sua direita” (Mateus, 6:3), apresentou a caridade desinteressada, desprendida, onde será preciso servir indistintamente, socorrer sem exigir nada em troca e dar sem esperar receber, ou seja, amar sem apresentar quaisquer condições.

Quando afirma que os “sãos não precisam de médico” (Mateus, 9:12), deixou bem claro que aqueles que nos procuram, com as mãos estendidas e os corações dilacerados, são aqueles que precisam de socorro e atendimento, e a eles jamais podemos negar qualquer auxílio.

Portanto, se a lâmpada do esclarecimento e da maturidade espalha luz em nosso âmago e se conseguimos, mesmo que seja um pouco, entender as lições imorredouras de Jesus Cristo, o tomemos como modelo e guia e saíamos a vivenciar, cotidianamente, suas notáveis e preciosas lições, pois à medida que difundimos a paz e a serenidade entre as criaturas que nos rodeiam, também perpetuaremos essas virtudes em nosso coração.

Qualquer caminho ou direção que seguirmos, distante de Jesus, será andar na contramão da lógica. Pensemos nisso...

Está preocupado com a maneira de beber de alguém?

O AL-ANON PODE TE AJUDAR!



**Grupos Familiares
Al-Anon**

Grupo Guarani
Rua dos Jornalistas, 201-A
Jabaquara
Reuniões Terças e Sábados das 18h às 20h
Serviço de Informações "SIPALANON": (11)3228.7425
www.al-anon.org.br

AJUDA PARA FAMILIARES E AMIGOS DE ALCOÓLICOS

**Domingos José Vaz do Cabo**

é mestre em Saúde Pública, médico de Família e Comunidade do Hospital Sirio-Libanês, de São Paulo (SP), vice-coordenador do GT de Saúde e Espiritualidade da Sociedade Brasileira de Medicina de Família e Comunidade, professor de Homeopatia da Associação Brasileira de Reciclagem e Assistência em Homeopatia e presidente da AME-Carioca

O final de um plantão e a retomada de uma vida

19h45. Ufa! Consegui terminar o último de 12 pré-natais realizados naquela tarde, como médico de família em Guaratiba, bairro distante e (ainda!) pacato da Cidade Maravilhosa, antes do fechamento da unidade, 15 minutos mais tarde. Ansioso por cada segundo que faltava para regressar ao merecido descanso no aconchego do lar, fui arrumando todo o consultório, guardando os instrumentos, fechando as pastas... la para o derradeiro movimento de desligar o computador, encerrando o sistema por aquele dia, quando barulhos de passos apressados e estrondo de portas se abrindo pelo corredor lembraram-me de que, por mais que desejasse, o dia ainda não havia encerrado. “É” – pensei (mais uma vez) – “o descanso vai ficar para depois.”

Dirigi-me à sala de observação, para onde os ruídos se dirigiam. Tratava-se de uma senhora, debatendo-se, trêmula, fala confusa entremeadada a gritos de desespero, carregada pelos agentes comunitários e pela equipe de enfermagem ali presente, prontamente avaliando os sinais vitais. Poderia pensar inicialmente em convulsão, não fossem vários movimentos voluntários que realizava e um tremor de pálpebras que deixava perceber um olhar vago, mas que tentava fitar no horizonte algum ponto de referência ou alguém a alentar o caminho. Pressão, temperatura, eletro e glicose normais não deixavam dúvidas: tratava-se de uma crise de ansiedade.

Busquei tranquilizar a paciente, evitando medicamentos desnecessários. Apesar do cansaço, restava-me, pelo bem daquele encontro e, por que não dizer, para sua maior brevidade, energia para conduzir uma conversa aberta, disposta a dar espaço àquela alma aflita para que se expressasse. Vali-me de um confortador copo de água e a convidei para o consultório recém-arrumado, a fim de preservar sua privacidade.

“Como se sente agora?” – perguntei para iniciar nosso encontro. “Um pouco melhor”, falando entre soluços e sem coragem para erguer os olhos do chão, num misto de dor e vergonha pela cena



que protagonizou, ainda que involuntariamente, minutos antes. “Como se chama?” “Dolores”, respondeu timidamente. Era uma senhora de 45 anos. Nunca a havia visto ali, confirmado por seu prontuário, completamente em branco. “Como posso te ajudar?”, insisti com delicadeza.

Falou-me que não dirigia há muitos anos e que resolveu, naquele começo de noite, pegar seu carro na garagem porque precisava comprar um remédio para a mãe com certa urgência e havia esgotado todas as possibilidades de parentes ou amigos que pudessem fazer isso por ela. Abriu o portão da garagem e dirigiu-se ao veículo. Porém, ao girar a chave, ouvindo o ronco do motor e olhando a rua, que se descortinava pelo espelho retrovisor, começou a debater-se, a gritar e chorar, repetindo como que um mantra às avessas: “eu não consigo, eu não consigo, eu não consigo...” la escrevendo tudo no prontuário já imaginando nas possibilidades diagnósticas: transtorno de ansiedade generalizada, pânico, fobia!?

“Sempre teve medo de dirigir?” Mais encorajada, ao perceber meu sincero interesse no caso, disse-me, agora a me olhar: “não doutor, sempre dirigi muito bem”. Era a deixa para que continuasse: “sempre, até quando?” Lágrimas começaram a brotar de seus olhos, dificultando o seguimento de nossa conversa. Usei então um segundo recurso, dois papéis-toalha que retirei da papelreira e passei a ela, a fim de reconfortá-la e encorajá-la a seguir. Com olhar grato, parecia que havia entendido o significado do gesto: “Há uns 4 anos, em um final de tarde, pareci-

do com esse, precisei ir ao mercado. Estava tirando o carro da garagem, quando minha única filha de 21 anos chegava do trabalho. ‘Filha!’, disse, ‘vamos ao mercado comigo?’. ‘Ah, mãe, estou tão cansada!’ ‘Por favor!’ ‘Tá bem, mãe. Vou para te fazer companhia.’ Adorava estar com ela! Saí com o carro, feliz pelo papo que teríamos quando aconteceu”. E chorou mais intensamente antes de prosseguir. “Um carro em alta velocidade atravessou o cruzamento e acertou pelo lado da porta do carona, fugindo em seguida. O carro rodou umas três vezes. Logo juntou muita gente em volta, os bombeiros vieram e nos levaram. Comigo tudo bem..., mas minha filha – choro ainda mais convulsivo – nunca mais voltaria a vê-la”.

Dei uma pausa para respirarmos. Nesse momento estava profundamente impactado com aquele sofrimento, com toda essa desesperança, mas ela arrematou: “desde então, doutor, nunca mais consegui dirigir. Hoje foi a primeira e fracassada tentativa”.

Novo silêncio reinou, dessa vez, aquele silêncio longo, necessário e desconfortante, quando simplesmente não sabemos o que dizer, por faltarem palavras poderosas o suficiente para caberem tudo aquilo que se sente. Já tinha o suficiente para o dia: uma crise de ansiedade, resultado de um luto ainda não resolvido. Muitas sessões de terapia seriam necessárias, posteriormente, mas ofereceria algum lenitivo àquela mãe sofrida, a fim de minimamente restaurar alguma dignidade perante tão imensa dor.

Mas, como disse, o silêncio inquieta.

Felizmente, esse momento levou-me a quebrá-lo, em curiosidade sincera: “e sua filha como se chamava?”. Ela levantou seus olhos e quase sussurrou dizendo: “Tamara”. “E ela, trabalhava com o que?” Parece que nesse momento uma fagulha de luz acendeu-se diante de seus olhos. E falava enquanto terminava de escrever: “Ela trabalhava como professora voluntária, para crianças especiais, em um lar de caridade. Todos adoravam a ‘Tia Tatá’, como era chamada. E, mesmo sem receber um centavo, era, de longe o trabalho que ela mais gostava”.

Novo silêncio, dessa vez mais curto. Já tinha pronta a receita e a orientação. Olhei o relógio, 19h59! A tentação de encerrar no horário bateu forte, mas bateu mais forte uma outra pergunta que veio à minha mente. “Vou me arrepender por isso”, pensei, principalmente por considerar que a consulta demoraria um pouco mais. Felizmente a vontade de inquirir foi mais forte e falou mais alto: “E a senhora? Já retornou onde sua filha trabalhava?”

O semblante triste deu lugar a um olhar curioso. “Como assim?” “Você falou” – redargui – “que ela adorava o que fazia, cuidar daquelas crianças... Por que não dar esse presente às crianças. Acho que Tia Tatá, de onde estiver, ficará muito feliz”. Não me respondeu nada. Agradeceu o cuidado e a prescrição. Tanto a escrita no receituário e no encaminhamento à saúde mental quanto a que reverbera na minha última fala. Meses depois, a encontrei com um novo olhar e chave do carro nas mãos. “Doutor, estou dirigindo!”, falou feliz. Além disso, outro fato me chamou a atenção: vestia uma blusa que estampava na frente a logomarca projeto onde sua filha, a querida e saudosa Tia Tatá, trabalhava, e, no verso, em letras garrafais, a palavra que falava por mil: voluntária.

É... Atrasei-me, sim, mais uma vez, cinco minutos. No entanto, estava certo de que cada um desses minutos, ao ressignificar trajetórias de tantas vidas, terminou por mudar, em definitivo, todos os demais minutos e horas que eu mesmo viveria, bastando para isso cuidar de permanecer a ser, pelas curvas do caminho.

Chico Xavier

**Entenda o que
está acontecendo
no mundo.**

**Revelações sobre
a transição Planetária**

Em outubro de 2019, o mundo foi surpreendido pela chegada do COVID-19, a partir daí muita coisa tem mudado. Saiba mais sobre o que o médium mineiro disse sobre a Transição que nosso planeta vai atravessar.

Os autores Marlene Nobre e Geraldo Lemos Neto reuniram neste livro as predições de

Jesus, os escritos de Allan Kardec e as revelações de

Chico Xavier acerca da data-limite do velho mundo, advertindo sobre a manutenção da paz na Terra como condição

essencial para os bons sucedâneos da atual transição planetária de mundo de expiações e provas para mundo de regeneração.



feeditora.com.br
(11) 5585-1977

folhaespirita@folhaespirita.com.br



**EDIÇÃO
100%
DIGITAL
R\$ 29,00**

Escolha a loja virtual de sua preferência e garanta o seu exemplar.



iBooks

Rakuten kobo

livraria cultura



Google Play